



POLÍXENA

de María García Esperón

Cláudio AQUATI

Nicolas Pelicioni de OLIVEIRA

Gelbart Souza SILVA

Ilustração de Edna Carla STRADIOTO

POLÍXENA, DE MARÍA GARCÍA ESPERÓN

Cláudio AQUATI*

Nicolas Pelicioni de OLIVEIRA**

Gelbart Souza SILVA***

Ilustração de Edna Carla STRADIOTO****

RESUMO: Neste capítulo de *El escudo de Aquiles*, de María García Esperón, “Noche XIX: Polixena”, em *Olho d’Água*, pode-se ouvir em língua portuguesa a voz de uma Políxena apaixonada, na tradução inédita deste vivo e criativo exemplo de uma narrativa moderna urdida a partir de emocionante herança clássica. Em “Polixena”, além de recontar o mito troiano, essa notável escritora mexicana, por meio das letras hispânicas, explora as subjetividades das personagens em seus diferentes pontos de vista em relação à Guerra de Troia, com uma poética particularmente sensível no que toca à princesa troiana, do que resulta uma personagem de coração pulsante, que canta ela mesma sua lástima e seu cruel destino, suas inquietações loquazes as quais quedavam silenciadas em seu interior, mas que aqui abandonam a taciturnidade para se transformar em pungente reflexão acerca da dignidade e do destino das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Aquiles; Guerra de Troia; recepção dos clássicos, Políxena.

ABSTRACT: In this chapter of *El escudo de Aquiles*, by María García Esperón, “Noche XIX: Polixena”, in *Olho d’Água* magazine, it can be heard in portuguese language the voice of an in love Polyxena, in this never published livid and creative translation that is an example of modern narrative knotted from an exciting classical heritage. in “Polyxena” in addition to a retold myth of Troy, this notable mexican writer, in her hispanic words, explores the character’s subjective personality in their many different Trojan War points of view with a particularly sensitive poetry, when referring to that trojan princess, which results of a character of beating heart, as she herself sings her sorrows of a cruel destiny, her talkative restlessness that silently stood inside of her, but here that restlessness left its taciturn behavior to change itself in a painful reflection about women’s dignity and destiny.

KEYWORDS: Achilles; classical reception; Polyxena, Trojan war.

* Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Câmpus de São José do Rio Preto. E-mail: claudio.aquati@unesp.br.

** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/IBILCE/UNESP). E-mail: nicolas.pelicioni@unesp.br.

*** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/IBILCE/UNESP). E-mail: gelbart.s.silva@unesp.br.

**** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/IBILCE/UNESP). E-mail: edna@ednastradioto.com.br

Introdução

Quais teriam sido as últimas palavras ou os derradeiros pensamentos de Políxena antes do sacrifício a que seria submetida sobre o túmulo de Aquiles? Talvez tenha sido essa a indagação primordial que passara pela mente engenhosa da escritora mexicana María García Esperón em relação à gênese da narrativa que dá voz à princesa troiana, pois é exatamente essa a dúvida com que se aflige a personagem e com que se inicia a narrativa em tela: *¿Cuáles serán mis últimas palabras?*

Não é a primeira vez, nem a única, que M. G. Esperón reconta um mito clássico: em grande parte de sua obra, essa laureada escritora concentra-se exatamente em trazer, em língua espanhola, a cultura e a literatura clássica especialmente para o público infanto-juvenil. Ela estreou nesse universo com seu livro *El Disco del Tiempo* (2004), em que já fica clara a aproximação entre o passado e o presente num encontro maravilhoso, já que a narrativa se desenrola em dois tempos, na qual figura a imorredoura e sempre atual busca pelo passado. Graças a esse livro, ela recebeu, no mesmo ano, no México, o *Premio El Barco de Vapor*. Outros títulos de sua obra remetem, também, ao universo mítico e literário clássico. Citem-se, a título de ilustração do amplo leque dessas obras, as seguintes: *El anillo de César* (2012), *Dido para Eneas* (2014) e *El velo de Helena* (2019). Cabe ressaltar que o universo mitológico oferecido por Esperón não se restringe apenas ao greco-romano; ela promove, por exemplo, um mergulho nas raízes latino-americanas e um encontro com a cosmovisão asiática ao escrever o *Diccionario de Mitos de América* (2018) e o *Diccionario de Mitos de Asia* (2019).

Extraída de *El escudo de Aquiles* (2017), a narração cuja tradução para a língua portuguesa apresentamos a seguir é uma amostra de um trabalho de moderno resgate de temas clássicos greco-romanos. Nessa obra, Esperón reescreve o mito troiano e o apresenta em 24 capítulos, todos nomeados “noche”, com um prólogo “ofrecimiento” e um epílogo “El escudo de Aquiles”, ambos em verso. A décima nona noite é aquela centrada na princesa troiana Políxena. Embora essa personagem não apareça na *Ilíada*, de Homero, outros autores da Antiguidade registram sua existência e testemunham seu relacionamento amoroso com Aquiles. Dotada de invulgar beleza, ela é a filha mais nova dos reis de Troia, Príamo e Hécuba. Conta-se que, por ela, Aquiles caiu de amores logo que a viu. Segundo Grimal (2005, p.387), uma das versões acerca do encontro entre Aquiles e Políxena relata que tudo acontece a partir de uma estranha aproximação entre os dois, imediatamente após o guerreiro grego ter dado fim à vida de Troilo, príncipe troiano, irmão de Políxena, que fora surpreendido junto a uma fonte enquanto dava de beber a seu cavalo. Noutras versões, ainda segundo Grimal, Aquiles a teria simplesmente fitado ou durante uma cerimônia religiosa, ou enquanto ela acompanhava a comitiva de Príamo em resgate do corpo de Heitor. Em que pesem as variantes, o eixo central é o de que Aquiles, bastando ver a filha do inimigo, ardeu fortemente de amores por ela.

Na verdade, como um “Romeu e Julieta” *avant la lettre*, esse amor não podia florescer, dado que gregos e troianos ainda litigavam por causa de outra mulher, Helena. Aos olhos de seus companheiros gregos, estranho e perigoso pareceu esse desejo pela princesa troiana, o que fez surgir e crescer sobre Aquiles uma suspeita de traição. De fato, algumas narrativas antigas, como as crônicas troianas de Díctis Cretense e de Dares Frígio, indicam que Aquiles até mesmo prometera afastar-se do combate a fim de receber a mão de Políxena.

Uma vez enlaçado por esse amor, será por meio dele mesmo que o herói cairá em desgraça, pois, convidado a visitar o templo de Apolo Timbreu, onde finalizaria as tratativas com os troianos e de onde sairia casado com Políxena, ele acaba sendo atraído para uma emboscada e morre nas mãos dos troianos.

Mais tarde, quando já fora incendiada a cidade de Troia, e as mulheres já haviam sido feitas reféns, Políxena seria destinada ao sacrifício sobre a tumba de Aquiles, que por ela sucumbira. A sombra do herói, segundo se conta, havia exigido a moça como sua parte no butim, motivo pelo qual o sangue da princesa troiana deveria descer sobre ele para apaziguar seu espírito (cf., por exemplo, OVÍDIO, *Metamorfoses*, XIII, 439-480; HIGINO, *Fábulas*, 110).

Ao atribuir à donzela sacrificada a voz principal da narrativa por meio da retomada desse trágico fim, Esperón joga uma luz nova sobre a personagem e confere ainda mais dramaticidade ao fato. O tempo da narrativa é o período que decorre entre a assembleia grega após a ruína de Troia até a imolação da jovem. Já as divagações subjetivas da personagem Políxena aparentam ser uma distensão do tempo de quem sabe que morrerá. Nesse momento intemporal, que incita pressa à personagem, Políxena repassa em sua mente vários episódios da guerra, permitindo que o leitor conheça os acontecimentos por intermédio de sua ótica. Por ser essa personagem quem fala, o leitor tem a oportunidade de conhecer não só a emoção da moça frente à guerra que vitima sua nação, mas também o sentimento que reside em seu coração a respeito do herói.

Em *El escudo de Aquiles*, o tópico da imolação de Políxena aparece em diversos capítulos e de diferentes perspectivas. Nesse sentido, além de recontar o mito troiano, Esperón explora as subjetividades das personagens em seus diferentes pontos de vista em relação à Guerra de Troia. Acrescente-se a isso tudo o fato de que existe ainda o repertório intertextual do leitor em relação à guerra de Troia, conhecimento anterior que ele pode ter a respeito dos detalhes ou das referências citadas nesse relato. Fato é que, com uma poética sensível, Esperón representa o coração pulsante da personagem a cantar ela mesma sua lástima e seu cruel destino, suas inquietações loquazes que quedavam silenciadas em seu interior e que abandonam a taciturnidade por meio das letras hispânicas de María García Esperón. Agora, em *Olho d'Água*, pode-se ouvir a voz de uma Políxena apaixonada em língua portuguesa, na tradução inédita deste vivo e criativo exemplo de uma narrativa moderna urdida a partir de emocionante herança clássica.

Polixena

¿Cuáles serán mis últimas palabras?

Estoy cierta que he de ser sacrificada. Los héroes dialogan en la asamblea, Odiseo pide mi garganta para ser cortada con el hacha y Agamenón aboga por mi vida. Es verdad que lo hace cediendo a los ruegos de mi hermana Casandra, de quien se ha enamorado. Pero ¿quién hace caso de Casandra? Ni siquiera los dioses, aunque siempre dice la verdad. ¿Cuál de los héroes abrirá las compuertas de mi sangre? ¿Lo hará el rey Diomedes?, ¿Ájax el Menor?, ¿el mismo Odiseo, tan convencido de que he de morir sobre la tumba de Aquiles?

¿O es Aquiles, el espíritu de Aquiles, que se abre paso a través de las bocas de los héroes reunidos en la asamblea? Diomedes y Odiseo recogieron su último aliento en el templo de Apolo, donde la traición – mi traición – lo sorprendió desarmado y mientras mi hermano Deífobo lo tomaba amigablemente del brazo mi otro hermano, Paris, flechador, lo asaeteó inmisericorde, oculto detrás de la estatua del dios.

Cassandra diría que no fue Paris quien segó la vida de Aquiles, sino el mismo Apolo. Es solo una manera de hablar porque los dioses nos mueven a su antojo, nos atan o deslíen los miembros, agujonan o vacían nuestra voluntad.

Llevo encerrado en la cabeza el llanto de mi madre Hécuba, el cuerpo dividido, privado de cabeza de mi padre, el venerable Príamo. El joven hijo de Aquiles lo mató en el altar de Zeus, aunque los dos ancianos se habían acogido al laurel sagrado. Neoptólemo busca en la muerte el rostro de su padre, al que no conoció. El recién llegado sobrepasa a los

Políxena

— Quais serão minhas últimas palavras?

Estou certa de que serei sacrificada. Os heróis conversam na assembleia. Odisseu pede minha garganta para ser cortada a machadadas e Agamêmnon advoga por minha vida. É verdade que ele o faz cedendo aos rogos de minha irmã, Cassandra, por quem se apaixonou. Mas quem faz caso de Cassandra? Nem sequer os deuses, ainda que ela diga sempre a verdade. Qual dos heróis abrirá as comportas do meu sangue? Será o rei Diomedes? Ájax, o Menor? O próprio Odisseu, tão convencido de que hei de morrer sobre a tumba de Aquiles?

Ou é Aquiles, o espírito de Aquiles, que abre caminho através das bocas dos heróis reunidos na assembleia? Diomedes e Odisseu recolheram seu último suspiro no templo de Apolo, onde a traição — minha traição — surpreendeu-o desarmado e, enquanto meu irmão Deífobo o tomava amigavelmente pelo braço, meu outro irmão, Páris, arqueiro, flechou-o sem misericórdia, oculto por detrás da estátua do deus.

Cassandra diria que não foi Páris quem ceifou a vida de Aquiles, senão o próprio Apolo. É apenas uma maneira de falar, porque os deuses nos levam a seu bel-prazer, nos amarram ou desligam os membros, aguçam ou dissipam nossa vontade.

Levo retido na cabeça o pranto de minha mãe Hécuba, o corpo de meu pai, o venerável Príamo, dividido, a cabeça arrancada. O jovem filho de Aquiles matou-o no altar de Zeus, ainda que os dois anciãos se tivessem abrigado junto ao loureiro sagrado. Neoptólemo busca na morte o rosto de seu pai, a quem não conheceu. O recém-chegado sobrepasa os

experimentados jefes aqueos en sed de sangre. El casi niño hundió la espada en los muchos años de Príamo, tornó la sangre en lágrimas y las lágrimas en sangre.

Tengo prisa por morir. Los héroes se demoran en sus deliberaciones. ¿Para qué, si después de todo mi suerte está echada? Muchos de ellos han escuchado bramar al espíritu intranquilo de Aquiles. Yo misma lo he escuchado, reclama a sus compañeros que piensen irse de Troya sin rendir honores en su tumba. Violento, apeteente, celoso aún en la muerte, sombra deseosa de honor y de tributo, enciende en el pecho de los aqueos la hoguera del miedo.

Esa hoguera solo podrá apagarse con la sangre de Polixena, con mi sangre. Repito, tengo prisa, quiero estrechar la mano de esa sombra. Quiero recargarme en su pecho como lo hice el día de nuestro encuentro, a la orilla del Escamandro, no lejos de las murallas de Ilión. ¿Podré escuchar su corazón de nuevo? ¡Insensata! Las sombras no tienen voz, peso ni corazón. Los latidos cesan en el umbral del Hades. ¿Cesará el amor? ¿La sombra de Aquiles me reclama por su orgullo carcomido de héroe o porque simple y sencillamente me ama?

No tuvimos tiempo en los breves días de nuestro encuentro. No tuve tiempo para comprender lo que sentía. Él sí. Aquiles homicida, Aquiles estrangulador de ciudades, el asolador de Troya, el que horadó los tendones de Héctor para hacer sufrir al espíritu de mi hermano la crueldad impuesta a sus despojos, Aquiles despiadado me amaba.

Dijeron los griegos que iba a convertirse en troyano por el amor de Polixena. Escondiéndose de ellos, traicionando a sus leales mirmidones, Aquiles llegó al templo de Apolo para desposarse conmigo, la traidora. Todo ocurrió tan rápidamente, todo fue tan

experientes chefes aqueos em sede de sangue. O quase criança afundou a espada na longa existência de Príamo, transformou o sangue em lágrimas e as lágrimas em sangue.

Tenho pressa de morrer. Os heróis demoram em suas deliberações. Para quê, se, depois de tudo, minha morte está decidida? Muitos deles têm escutado vociferar o espírito intranquilo de Aquiles. Eu mesma o tenho escutado, ele convoca seus companheiros que pensam em partir de Troia sem render honras em sua tumba. Violento, ávido, enciumado mesmo na morte, sombra desejosa de honra e tributos, acende no peito dos aqueos a fogueira do medo.

Essa fogueira somente poderá se apagar com o sangue de Políxena, com meu sangue. Repito, tenho pressa, quero apertar a mão dessa sombra. Quero me recostar em seu peito como fiz no dia de nosso encontro, às margens do Escamandro, não distante das muralhas de Ílion. Poderei escutar seu coração de novo? Insensata! As sombras não têm voz, nem peso ou coração. As pulsações cessam no umbral do Hades. Cessará o amor? A sombra de Aquiles convoca-me por seu orgulho carcomido de herói ou porque clara e simplesmente me ama?

Não tivemos tempo nos breves dias em que nos encontramos. Não tive tempo para compreender o que eu sentia. Ele sim. Aquiles homicida, Aquiles estrangulador de cidades, o devastador de Troia, o que perfurou os tendões de Heitor para fazer o espírito de meu irmão sofrer a crueldade imposta a seus despojos, Aquiles impiedoso me amava.

Tornar-se-ia troiano pelo amor de Políxena, disseram os gregos. Escondendo-se deles, traindo seus leais mirmidões, Aquiles chegou ao templo de Apolo para casar-se comigo, a traidora. Tudo aconteceu tão rapidamente, tudo foi tão nefando que

atroz que desvié la mirada y contemplé las pupilas impasibles de la estatua de Apolo cuando se escapaba el aliento del pecho de Aquiles. Fue en vano porque las pupilas de Apolo se animaron y reflejaron cuanto sucedía en su insoportable crudeza, en su terrible verdad.

Escuché sus palabras, cuando murió en brazos de Diomedes, Áyax y Odiseo. Sus últimas palabras. Sacrifiquen a Polixena en mi tumba. Júrenlo por la Estigia. Y juraron. Y sin dejar de combatir derramaron lágrimas y Áyax arrastró el divino cuerpo del héroe y con él se llevó todo lo mío y me quedé tan sola y tan culpable, tan llena de impaciencia por morir que ahora la tardanza de los que deliberan mi muerte me enfada.

Pero ya llega Taltibio, el mensajero de los aqueos. Su tarea es dispensar malas noticias. Acaba de decir a Hécuba, mi madre, que me destinarán al servicio de la tumba de Aquiles. ¡Los griegos y sus eufemismos, su lengua engañosa! Mi madre piensa que seré una suerte de sacerdotisa fúnebre... ya tendrá tiempo de conocer la verdad, todo el tiempo de mi muerte.

También le ha dicho Taltibio que el pequeño Astianacte será lanzado desde los muros de Ilión para que su cuerpo se destroce. Eso lo deliberaron primero, se entretuvieron con eso para no hablar de mi muerte. Les incomoda que Aquiles me haya amado, los vacía de sentido la posibilidad de un Aquiles troyano, por su matrimonio conmigo en los espacios de la muerte. No me sacrifican por ardor guerrero ni por ciego odio. Obedecen el mandato del mejor de ellos, del más fuerte, el más bello, el más ligero, el semejante a un dios, aunque esté muerto.

Taltibio habla y no lo escucho. Creo que me anuncia mi muerte. No espero a que termine y me dirijo por

desviei o olhar e contemplei as pupilas impassíveis da estátua de Apolo quando o alento escapava do peito de Aquiles. Foi em vão, porque as pupilas de Apolo se animaram e refletiram o quanto sucedia em sua insuportável crueldade, em sua terrível verdade.

Escutei suas palavras, quando morreu nos braços de Diomedes, Ájax e Odiseu. Suas últimas palavras. *Sacrifiquem Políxena em minha tumba. Jurem pelo Estige.* E juraram. E, sem deixar de combater, derramaram lágrimas e Ájax arrastou o divino corpo do herói e, com ele, se levou todo o meu e quedei-me tão só e tão culpada, tão cheia de impaciência por morrer que agora a lentidão dos que deliberam minha morte entedia-me.

Porém, já chega Taltíbio, o mensageiro dos aqueos. Sua tarefa é dar más notícias. Acaba de dizer a Hécuba, minha mãe, que me destinaram ao serviço da tumba de Aquiles. Os gregos e seus eufemismos, sua língua enganosa! Minha mãe pensa que serei um tipo de sacerdotisa fúnebre... já terá tido tempo de saber da verdade, todo o tempo de minha morte.

Também Taltíbio a ela terá dito que o pequeno Astíanax será lançado do alto dos muros de Ílion para que seu corpo se destroce. Isso eles deliberaram primeiro, entretiveram-se com isso para não falar de minha morte. Incomoda-os Aquiles ter-me amado. Não faz sentido a possibilidade de um Aquiles troiano, por seu matrimônio comigo nos foros da morte. Não me sacrificam por ardor guerreiro nem por cego ódio. Obedecem a ordem do melhor deles, do mais forte, o mais belo, o mais rápido, aquele que é semelhante a um deus, ainda que esteja morto.

Taltíbio fala e não o escuto. Creio que a mim anuncia minha morte. Não espero que termine e dirijo-me por

mi propia voluntad al túmulo de Aquiles. Anoche soñé que estaba vacío de huesos y de ceniza, que su madre Tetis se lo había llevado intacto y bello a una isla blanca, resplandeciente de promesas, desde donde me llamaba dispuesto a compartir conmigo la eternidad.

No sé si la eternidad exista. No sé si, como dicen los griegos y los troyanos, el alma baja llorando al Hades por dejar el cuerpo en esta Tierra, y que llora más si el es joven. Tal vez sea como dicen los egipcios, que el alma regresará siempre y cuando encuentre su cuerpo reconocible y momificado para animarlo de nuevo. ¿Para qué?

O, como dicen los tracios, que las almas retornan en otros cuerpos y así aseguran su inmortalidad y todo se repite: volverá Polixena a encontrarse con Aquiles, y Aquiles volverá a morir y Polixena será sacrificada en su tumba innumerables veces, por toda la eternidad...

Quiero dejar de pensar en todo esto y concentrarme en el amor de Aquiles, en el rostro de Aquiles, en su dorada y larga cabellera, que volvió a crecer después de cortarla para ponerla en las manos muertas de Patroclo, durante los magníficos funerales que consagró al amigo fiel y perdido.

La cabellera de Aquiles en las manos de Patroclo se convirtió en una imagen que me obsesionó por muchas noches. A ratos me parecía demasiado bella, sensual, apetecible y a ratos me resultaba atroz, insuportable de pensar, como una mortaja hedionda.

Qué desesperación debió sentir Aquiles ante el hermoso cuerpo de Patroclo, aferrado por la muerte. Esa desesperación se le convirtió en odio hacia mi hermano Héctor. Odio recubierto con la coraza de Hefestos, defendido por el escudo increíble, plagado de ingenios, que yo solamente

vontade própria ao túmulo de Aquiles. Durante a noite sonhei que estava vazio, sem ossos e sem cinzas, que sua mãe Tétis o havia levado intacto e belo a uma ilha branca, resplandecente de promessas, de onde ele me chamava disposto a comigo compartilhar a eternidade.

Não sei se a eternidade existe. Não sei se, como dizem os gregos e os troianos, a alma desce chorando ao Hades por deixar seu corpo nesta Terra, e que chora mais se ela é jovem. Talvez seja, como dizem os egípcios, que a alma regressará sempre e quando encontre seu corpo reconhecível e mumificado para animá-lo de novo. Para quê?

Ou, como dizem os trácios, que as almas retornam em outros corpos e assim asseguram sua imortalidade e tudo se repete: voltará Políxena a se encontrar com Aquiles, e Aquiles voltará a morrer e Políxena será sacrificada em sua tumba inumeráveis vezes, por toda a eternidade...

Quero deixar de pensar em tudo isso e concentrar-me no amor de Aquiles, no rosto de Aquiles, em sua dourada e longa cabeleira, que voltou a crescer depois de a ter cortado para pô-la nas mãos mortas de Pátroclo, durante os magníficos funerais que consagrou ao amigo fiel e perdido.

A cabeleira de Aquiles, nas mãos de Pátroclo, converteu-se numa imagem que foi minha obsessão durante muitas noites. Às vezes, parecia-me muito bela, sensual, apetecível e, às vezes, para mim se tornava terrível, insuportável de pensar, como uma mortalha odiosa.

Que desespero deve ter sentido Aquiles diante do belo corpo de Pátroclo, agarrado pela morte. Esse desespero, nele, converteu-se em ódio contra meu irmão Heitor. Ódio recoberto pela couraça de Hefesto, defendido pelo espantoso escudo, atormentado por espíritos, que

entre los mortales sé lo que representa, sé lo que es, pues Aquiles me lo dijo, hechizado por el amor que desata los miembros y rinde la voluntad.

Silenciosos como hormigas, con la cabeza baja, han llegado los mirmidones. Se disponen al frente de los demás guerreros, que también quieren asistir al sacrificio de Polixena sobre el sepulcro de Aquiles. Muchos de ellos cortaron sus cabellos en las exequias del hijo de Tetis y Peleo. Menelao y Agamenón permanecen silenciosos, a la cabeza del ejército. El ojo inmenso de algún dios nos contiene a todos, nos ve, nos hace conscientes de lo que está por ocurrir.

Hacia mí caminan Diomedes, Odiseo y Neoptólemo. Todos tienen las cabelleras cortadas, excepto Neoptólemo, quien no alcanzó a llegar a los funerales de su padre, por más que se impacientara en la cóncava nave que lo trajo de Esciros a la ciudad de Príamo.

No hay necesidad de explicar lo que todo el mundo sabe. Un leve asombro recorre a los varones al contemplar mi sangre fría, mi valor, mi convencimiento de que así tiene que ser, de que la última voluntad de un héroe tan grande como Aquiles debe cumplirse... Está vivo el recuerdo de Ifigenia, la joven hija de Agamenón sacrificada en Áulide para lograr vientos propicios. Muchos de los guerreros que asistieron al sacrificio de Ifigenia han muerto. Otros vivieron para contemplar la misma escena, el mismo ritual, tan solo ha cambiado el rostro y el color del cabello de la víctima. O ni siquiera eso y en este momento ha descendido sobre mi rostro el rostro de Ifigenia para repetirse y repetirme en este banquete de muerte que parece complacer a las deidades inalterables.

Neoptólemo se adelanta. Lleva puesta la armadura del padre, su casco tremolante, sus hermosas grebas. El

somente eu, entre os mortais, sei o que representa, sei o que é, pois Aquiles me disse, enfeitado pelo amor que desata os membros e domina a vontade.

Silenciosos como formigas, com a cabeça baixa, chegaram os mirmidões. Colocam-se à frente dos demais guerreiros, que também querem assistir ao sacrifício de Polixena sobre o sepulcro de Aquiles. Muitos deles cortaram seus cabelos nas exéquias do filho de Peleu e Tétis. Menelau e Agamêmnon permanecem silenciosos encabeçando o exército. O olho imenso de algum deus contém-nos a todos, vê-nos, faz-nos conscientes do que está para ocorrer.

Caminham até mim Diomedes, Odisseu e Neoptólemo. Todos têm os cabelos cortados, exceto Neoptólemo, que não conseguiu chegar aos funerais de seu pai a tempo, por mais que se impacientasse na côncava nau que o trouxe de Esquiro à cidade de Príamo.

Não há necessidade de explicar o que todo o mundo sabe. Um leve espanto assoma aos varões ao contemplar meu sangue frio, meu valor, minha certeza de que assim é que tem de ser, de que a última vontade de um herói tão grande quanto Aquiles deve cumprir-se... Está viva a lembrança de Ifigênia, a jovem filha de Agamêmnon sacrificada em Áulis para obter ventos propícios. Muitos dos guerreiros que assistiram ao sacrifício de Ifigênia estão mortos. Outros viveram para ver a mesma cena, o mesmo ritual, tendo apenas mudado o rosto e os cabelos da vítima. Ou nem sequer isso, e neste momento desce sobre meu rosto o rosto de Ifigênia para repetir-se e repetir-me neste banquete de morte que parece agradar às divindades inalteradas.

Neoptólemo se adianta. Vai vestido com a armadura do pai, seu elmo tremulante, suas belas grevas. O

escudo circular reposa en su tienda porque no tiene que proteger al joven guerrero de una doncella inerme y además, deseosa de morir, de amor anhelante.

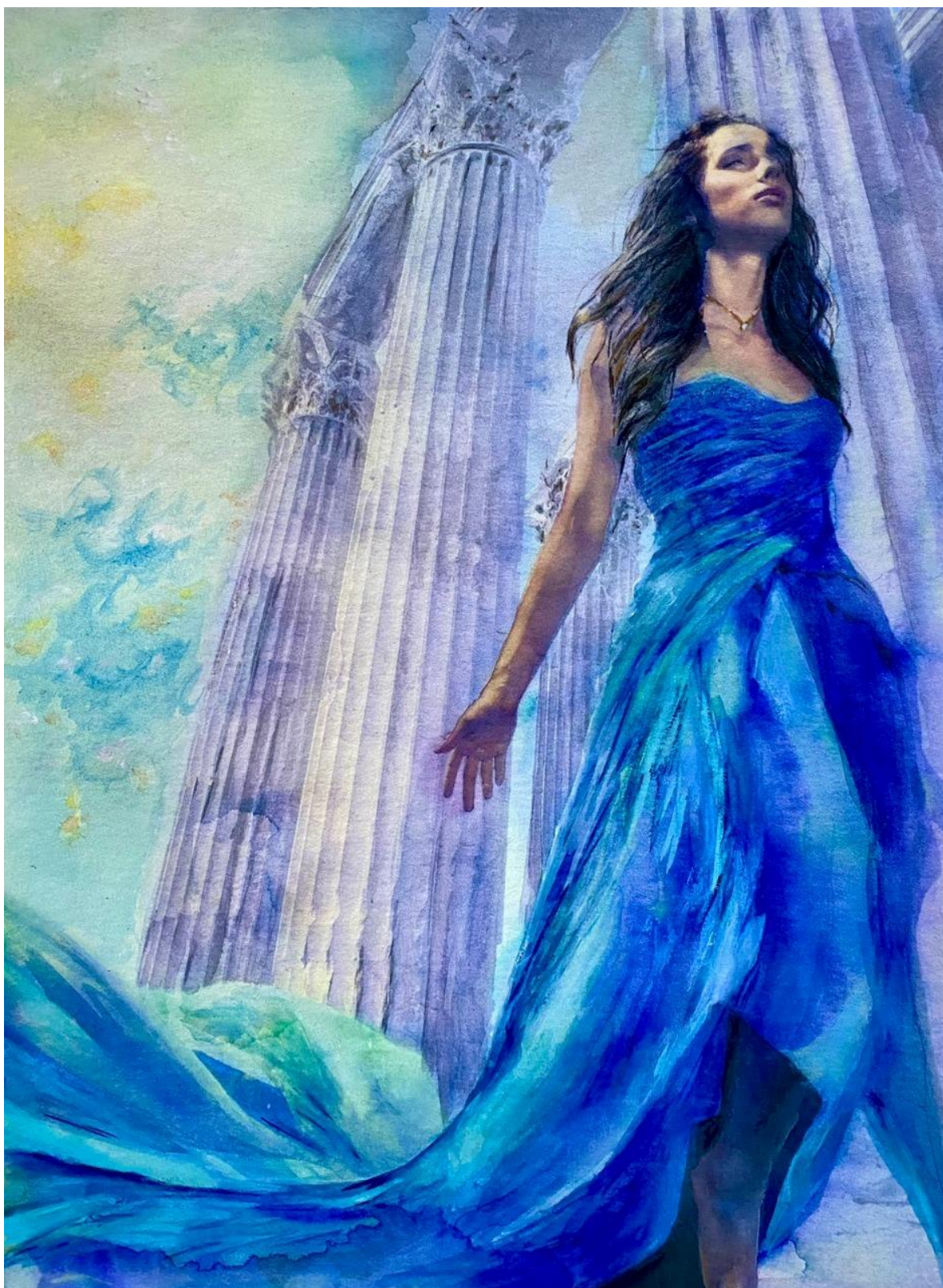
Va a hundir en mi garganta la espada de Aquiles, en atroz metáfora de posesión suprema. Los héroes me toman en brazos, me extienden en vilo sobre la tumba de Aquiles, mi cabellera se desparrama sobre los brazos de Diomedes, quien se estremece a su contacto (¿qué tiene el cabello con la muerte?); Odiseo se ensombrece, se intensifica el azul del cielo y el ojo divino que nos contiene a todos ni siquiera parpadea cuando el hijo de Aquiles, con la espada sobre mi garganta, escucha a un dios o a una diosa, quizá la dueña y señora de lo profundo, que ama a los héroes, decir a través mío:

— Que te encuentres con el mismo destino.

escudo circular repousa em sua tenda porque não tem necessidade de proteger o jovem guerreiro de uma donzela desarmada e, ademais, desejosa de morrer, suspirando de amor.

Vai mergulhar em minha garganta a espada de Aquiles, em nefanda metáfora de possessão suprema. Os heróis me tomam nos braços, estendem-me suspensa sobre a tumba de Aquiles, meus cabelos se espalham sobre os braços de Diomedes, que estremece ao seu toque (o que tem o cabelo a ver com a morte?); tolda-se o rosto de Odisseu, intensifica-se o azul do céu e o olho divino que nos contém a todos nem sequer pisca quando o filho de Aquiles, com a espada sobre a minha garganta, escuta a um deus ou a uma deusa, talvez a dona e senhora do profundo, que ama os heróis, dizer através de mim:

— *Que te encontres com o mesmo destino.*



Polixena, por Edna Carla Stradioto.

Sobre a artista ilustradora

Edna Carla Stradioto, de São José do Rio Preto – SP, artista plástica, utiliza-se da pintura em aquarela, principalmente no estilo figurativo. É mestre pela UNESP (São José do Rio Preto – SP) e é doutoranda em Modernidades Comparadas na Universidade do Minho (Braga, Portugal). Têm destaque em sua carreira as exposições individuais da Linha da Cultura do Metrô SP em 2018 e 2019 (três meses cada ano) e no Museu Casa Guilherme de Almeida (São Paulo – SP, desde maio 2019). No exterior já participou de coletivas em várias cidades importantes do mundo. Tem aquarelas como acervo no Museu da Cidade, na Pinacoteca Prof. Aguinaldo Gonçalves e na Pinacoteca Municipal João Nasser.

AQUATI, C.; OLIVEIRA, N. P. de; SILVA, G. S.; STRADIOTO, E. C. Polyxena by María García Esperón. *Olho d'água*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 1, p. 20-31, 2022.

Referências

ESPERÓN, Maria Garcia. *Diccionario de Mitos de América*. Cidade do México: Ediciones Naranjo, 2018.

ESPERÓN, Maria Garcia. *Diccionario de Mitos de Asia*. Cidade do México: Ediciones Naranjo, 2019).

ESPERÓN, Maria Garcia. *Dido para Eneas*. Cidade do México: Ediciones Naranjo, 2014.

ESPERÓN, Maria Garcia. *El anillo de César*. Cidade do México: Ediciones Naranjo, 2012.

ESPERÓN, Maria Garcia. *El Disco del Tiempo*. Cidade do México: Ediciones S M, 2004.

ESPERÓN, María García. *El escudo de Aquiles*. s/l. Dos Orillas, 2017.

ESPERÓN, Maria Garcia. *El velo de Helena*. Cidade do México: Ediciones Naranjo, 2019.

GRIMAL, Pierre. *Diccionario da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HYGIN. *Fables*. Texte établi et traduit par Jean-Yves Boriaud. Paris: Les Belles Lettres, 1997.

OVÍDIO, *As metamorfoses*. NUNES, Zilma Gesser; FURLAN, Mauri (org.). Florianópolis: UFSC, 2014.